

Objecto concreto, objecto científico, objecto de investigação*

Jean Davallon

Universidade de Avignon e da Região de Vaucluse
Laboratório Cultura & Comunicação

Resumo

As ciências da informação e da comunicação não se definem pelo objecto que estudam – nem recebem dele a sua originalidade –, mas pela "sua maneira de construir o objecto articulando problemáticas" (Bruno Ollivier 2001: 352). O artigo propõe uma perspectiva sobre a construção do objecto em ciências da comunicação e da informação, partindo, não das questões de filiações, fronteiras e territórios dessas ciências, mas da prática de investigador e do questionamento sobre o acto de "construir" objectos nessas ciências.

Palavras-chave:

Informação; Comunicação; Construção de Objectos.

Abstract

The object they study does not define information and communication sciences – and they do not get their originality from it. Their specificity comes from "their way of making the object by interrelating theoretical questions" (Bruno Ollivier 2001: 352). The article develops a perspective on the construction of the object in information and communication sciences, focusing, not the affiliations, borders or territories of these sciences, but the practice of the researcher and the discussion about the act of "making" objects in information and communication sciences.

Key words:

Information; Communication; Objects Construction.

As ciências da informação e da comunicação não se definem pelo objecto que estudam – nem recebem dele a sua originalidade –, mas pela "sua maneira de construir o objecto articulando problemáticas". Subscrevo totalmente esta afirmação de Bruno Ollivier (2001: 352), que atribui o primado ao facto de ser "o ponto de vista que cria o objecto", para retomar a fórmula de Saussure citada em *Observer la Communication* (Ollivier, 2000). Voltarei porém a esta questão do objecto adoptando um "ponto de vista" muito diferente dele. A sua abordagem das ciências da informação e da comunicação como interdisciplina é institucional, uma vez que se prende com as filiações, as fronteiras e as questões de território; a

* Publicação original em língua francesa: 2004 *in Hermès*, 38: 30-37. Tradução: Helena Santos.

que eu adoptarei partirá de uma reflexão sobre a prática de investigador e interessar-se-á pelo que significa o acto de "construir" objectos nas ciências da informação e da comunicação.

Um domínio de investigação cujo objecto pertence a qualquer lugar

Nas páginas que se seguirão, as ciências da informação e da comunicação não são perspectivadas como interdisciplina, nem como disciplina, mas como domínio de investigação. O objectivo desta posição é colocar a hipótese, suscitada pelas discussões recorrentes sobre a existência ou não existência de uma especificidade disciplinar destas ciências, sobre a questão da actividade científica do domínio de investigação em ciências da informação e da comunicação.

A hipótese de uma especificidade dos objectos das ciências da informação e da comunicação

A análise das origens das ciências da informação e da comunicação apresentada por Bruno Ollivier na sua obra *Observer la Communication* mostra claramente até que ponto estas ciências nasceram nas fronteiras de outros domínios científicos, alguns já estabelecidos (como a análise linguística ou a sociologia), outros apenas em emergência (penso por exemplo na semiologia). Os objectos concretos (as "coisas") sobre os quais trabalham todos esses domínios são frequentemente similares e acontece mais ou menos o mesmo com os conceitos e os métodos. Neste sentido, recortes e reivindicações disciplinares acompanham a emergência de ilhéus de investigação que se estruturam em torno de métodos, de conceitos e de objectos. Por isso, as ciências da informação e da comunicação devem, evidentemente, conquistar o seu lugar no universo das disciplinas científicas, mas, acima de tudo, elas estão ao mesmo tempo em simbiose com o seu ambiente científico e em posição de pioneiras na exploração de novos sectores de investigação. Elas

retomam, experimentam, e adaptam conceitos e métodos construídos para outros objectos noutros domínios científicos; elas inventam novas abordagens e produzem um novo olhar sobre objectos já estudados por outros. Sob este ângulo, o "desejo de disciplinaridade" de que fala Yves Jeanneret (*La Lettre d'Inforcom*, 2000) seria o sinal da emergência de um novo domínio científico que, propondo uma certa maneira de construir objectos científicos, reivindicaria uma visibilidade disciplinar.

A ideia que defenderei é que a originalidade e a especificidade deste ponto de vista residem, pelo menos em parte, numa *aplicação*¹ (no duplo sentido de ligação e de fixação) da prática científica à dimensão técnica dos objectos concretos.

As ciências da informação e da comunicação contra os objectos concretos e as representações de senso comum

Reconhecer a aplicação da investigação em ciências da informação e da comunicação à dimensão técnica dos objectos é arriscar reduzir o seu objecto de investigação, quer ao mundo das coisas que existem efectivamente na sociedade, quer a esse elemento do senso comum que constitui a noção de "comunicação". Todos os objectos – especialmente os objectos mediáticos e culturais (jornais, livros, emissões, exposições, representações, etc.) – se tornam imediatamente objectos científicos *invisíveis*: eles são restituídos à sua existência de meios ou de suportes, e simultaneamente cobertos pela diversidade do que cada um coloca sob o termo comunicação.

A representação do real inerente a qualquer construção científica parece assim já existir totalmente nos actores, para quem os objectos concretos são precisamente a realidade da coisa: um livro, uma emissão de televisão, um jornal, uma representação teatral ou uma discussão ao telefone "é" a comunicação realizada.

Esta amálgama singular, operada pelo senso comum, de objectos concretos ("as comunicações") e aquilo que é suposto ser o objecto científico ("a comunicação") coloca o investigador perante um duplo constrangimento.

– O constrangimento da confusão (existente nos actores) entre "as representações explicativas do real", para falar como Granger (2002) – *i.e.* o conhecimento científico – e as representações que os próprios actores fazem das coisas e da experiência que têm delas. O risco, para o investigador, é o de crer que vai encontrar nos actores um "conhecimento" do objecto, que o dispensa, pura e simplesmente, de construir um objecto de investigação, uma vez que esse "conhecimento" já existe no interior do próprio objecto².

– O constrangimento, inverso, de uma procura social forte de *aplicação* do conhecimento ou dos procedimentos científicos para realizar ou melhorar efectivamente os objectos concretos, quer dizer, os "meios" de comunicação. A investigação em ciências da informação e da comunicação vai assim estar continuamente exposta a uma *evidência* dos objectos – e compreendemos agora a frase de Bruno Ollivier citada no início. Porquê construir objectos, se os podemos encontrar pré-recortados e já acompanhados de conhecimento³? Porém, a evidência é solicitada a participar na produção desses objectos, afim de os tornar mais comunicacionais.

O facto de a informação e a comunicação aparecerem na sociedade sob a forma de meios e de processos (quer dizer de construídos técnico-científicos apreendidos através das suas características essencialmente técnicas e não científicas) tem uma consequência prática imediata: o lugar dado pela sociedade às ciências da informação e da comunicação é espontaneamente o de uma teoria do objecto técnico – quer dizer, em sentido estrito, de

uma tecnologia. Qualquer investigação sobre uma outra dimensão (condições de produção, contexto de recepção, etc.) parece relevar, por contraponto, de domínios científicos etiquetados por uma disciplina outra, como a economia, a sociologia, etc.⁴

Contrariamente ao que se pode pensar, essa particularidade apresenta, na verdade, uma dupla vantagem: a de obrigar o investigador a construir o seu objecto de investigação e de lhe oferecer uma relação absolutamente singular com o terreno. Na condição, evidentemente, de se precaver relativamente a essa particularidade.

Objectos técnicos ou objectos de investigação?

O domínio da investigação, tal como o da formação, fornece um grande número de sinais desta questão das ciências da informação e da comunicação que é a necessidade de construção do seu objecto de investigação e a sua relação com os objectos concretos: a investigação é ao mesmo tempo aplicada e fundamental; a formação é teórica e técnica.

O importante, a meu ver, é que esta particularidade não tem como único efeito impor do exterior ao investigador normas e procedimentos de trabalho. Ela impõe-lhe a construção do seu objecto de investigação de uma maneira específica, dada a própria "natureza" sociotécnica dos objectos que ele estuda.

Há, então, três tipos de objectos. O *objecto de investigação* é o fenómeno, ou o facto, tal como o investigador o constrói para o poder estudar. O *objecto científico* designa uma representação já construída do real; situa-se do lado do resultado da investigação e do conhecimento produzido. Podemos clarificar a diferença entre estes dois objectos dizendo que o objecto de investigação é "problemático" (conhecemos o seu quadro teórico de análise, o método e o terreno),

sem no entanto ser "conhecido", uma vez que o investigador não dispõe ainda de um conhecimento (uma representação explicativa mais ou menos conceptualizada) que responda a essa problemática e que tenha sido confrontado com formas de experiência (análise de dados, observações, etc.⁵). O objecto de investigação encontra-se assim a meio caminho entre, de um lado, *os objectos concretos* que pertencem ao campo de observação, e, de outro lado, as representações explicativas do real já existentes ou visadas (as quais relevam do objecto científico).

A hipótese que quero desenvolver é a seguinte:

- os objectos de investigação das ciências da informação e da comunicação permanecem presos às características dos *objectos concretos* que pertencem ao campo de observação;
- essas características referem-se à dimensão técnica da realidade que constitui o campo de observação;
- a consequência é que esses *objectos de investigação* são trabalhados do interior por uma complexidade e uma heterogeneidade que faz deles híbridos de ciência e de tecnologia.

O investigador face ao seu objecto de investigação

Como fazer para que os objectos escapem à evidência da sua existência (do seu achatamento) como meios, da sua existência como suportes ou procedimentos técnicos de comunicação, mantendo a sua dimensão técnica de objectos concretos, a sua singularidade de objectos materiais ou de procedimentos objectivados? Como, nestas

condições, tornar visível o invisível da sua organização enquanto *objectos comunicacionais*?

Objecto de investigação, entre realidade técnica e objecto científico

O facto de os *objectos científicos* serem "representações explicativas do real" tem como consequência imediata que esses objectos visem apresentar-se o mais possível como *construções homogéneas*, coerentes, completas e partilhadas, mesmo se são objecto de discussões. Este objectivo encontra-se presente, tanto na elaboração das próprias representações, como nos modos de apreender a experiência *hic et nunc*, afim de produzir os dados que servirão para construir essas representações, ou ainda afim de verificar estas últimas. No trabalho concreto de investigação, esta vontade de homogeneidade traduz-se na existência de procedimentos destinados a regular, quer a definição do quadro teórico, quer o exame das investigações já existentes, a produção dos dados, ou ainda a apresentação e a interpretação dos resultados.

Os *objectos técnicos*, "aspectos particulares de um real produzidos pela prática do homem", segundo Granger, tomam, ao contrário, outras formas: respondendo a um desejo, não de conhecer, mas de obter um resultado, eles são orientados para o sucesso da experiência, mais do que para a pertinência da representação explicativa. Eles devem, então, ancorar-se no seu contexto, articular-se com as práticas, afim de se transformar e domesticar a energia através da materialização da ideia da acção a efectuar. É assim que a "realidade técnica se apresenta como um *complexo* centrado no objecto técnico principal. Esse objecto, como por exemplo o motor de explosão ou o poste de rádio, só adquire realidade se acompanhado de um *sistema* de objectos auxiliares, sem os quais ele não pertence verdadeiramente a um universo técnico, e torna-se inutilizável (...). Esse acompanhamento que faz do objecto técnico um complexo é, ao mesmo tempo, um tecido de invenções

propriamente técnicas e de organizações sociais, como o mostraria ainda o exemplo dos caminhos-de-ferro ou da distribuição de electricidade» (Granger, 2002: 185).

Este tipo de abordagem do objecto técnico opera um duplo deslocamento face à concepção espontânea que se possa ter deste tipo de objecto – e, a este título, impõe-se evocar as concepções de um Simondon ou de um Latour⁶. Em primeiro lugar, o objecto técnico situa-se no centro de um *sistema de objectos técnicos auxiliares*, que condicionam, quer a sua pertença ao universo técnico, quer a sua utilização prática. Sem objectos auxiliares, como as estações de difusão e as transmissões hertzianas, o posto de rádio não adquiriria realidade técnica, lembra Granger; e poder-se-iam acrescentar outros, como os que permitem o fabrico do dito posto, o dos seus componentes, o das estações, das transmissões, e por aí adiante. Em segundo lugar, o próprio sistema técnico é um "tecido de invenções" e de "organizações sociais", que deram lugar à emergência desses objectos e que tornam possível o seu funcionamento – por outras palavras, a sua própria existência. O objecto técnico não é, então, senão o elemento (sem dúvida o principal, de um ponto de vista técnico) de um *complexo heterogéneo* de práticas, de saberes, de organizações, de máquinas, etc.

Assim, tomar em consideração a dimensão técnica do objecto é, para o investigador em ciências da informação e da comunicação, antes de mais reconhecer que ele se depara com *complexos* e não com objectos unitários. Por outras palavras: – primeiro, admitir e reconhecer que os objectos de que ele trata são compostos por objectos principais e objectos auxiliares; – e segundo, que os complexos aos quais os objectos pertencem aliam componentes e processos de natureza heterogénea. O nosso investigador encontra-se, portanto, numa situação prática absolutamente original, uma vez que ele tem que construir um objecto científico (uma representação

homogénea, coerente, completa e partilhada), a partir de um conjunto de objectos concretos de estatuto e de natureza diferentes, dos quais alguns são objectos técnicos.

Como construir o objecto de investigação?

Para tornar as coisas mais claras, deixemos de lado as práticas de investigação que tratam de objectos científicos já pré-formados por outras disciplinas, para considerarmos apenas aquelas que se confrontam com a complexidade dos objectos (i.e., com a sua natureza de "complexo", no sentido de Granger).

Elas devem então consagrar uma grande parte da sua actividade a perceber aquilo que constitui sistema entre as componentes do complexo, a maneira como estas últimas estão ou não ligados entre si, os limites do complexo, etc. Porque, neste caso, é-lhes indispensável compreender – seja conceptualmente, seja empiricamente – aquilo que se constitui em sistema, apesar da sua heterogeneidade; decidir o que convém reter ou recusar na definição do complexo. De facto, de acordo com a escolha do objecto principal (conforme se escolha, por exemplo, o posto de rádio, ou as transmissões hertzianas), o complexo não será da mesma natureza. Isto supõe optar por um determinado ponto de vista; ou: adoptar um *ponto de vista comunicacional* conduzirá a fazer uma escolha entre o posto de rádio, o estúdio, o espaço de recepção, o auditor, a transmissão hertziana, etc. – e a reter, qualquer que seja o objecto concreto escolhido, alguns elementos que se afiguram pertinentes à luz do complexo construído como objecto de investigação. Este tipo de objecto de investigação, construído pelo investigador a partir da complexidade de realidade técnica e social, corresponde com bastante exactidão, na minha opinião, ao que Joëlle Le Marec chama "compósito" (Le Marec et Babou, 2003).

É claramente com este trabalho de construção de "compósitos", destinados a dar conta de complexos de um ponto de vista informacional e comunicacional, que é possível observar mais nitidamente os quatro princípios que me parecem integrar a construção de um objecto de investigação em ciências da informação e da comunicação.

– O primeiro princípio encontra-se no centro da presente reflexão: trata-se de ter em conta a *agilidade técnico-semiótica* que resulta da ligação do objecto de investigação aos objectos concretos técnicos. Voltarei um pouco adiante àquilo que considero que este termo designa.

– O segundo princípio é o da *reflexividade*. Ele resulta da necessidade com que se depara o investigador de pensar o modo como construirá o seu objecto de investigação. Esta reflexividade acciona-se, por exemplo, para estimar a validade e a pertinência da mobilização de uma ou mais técnicas de recolha de dados face aos processos analisados e aos objectos concretos retidos.

– O terceiro princípio é o da escolha da *escala de observação*. A que escala observamos melhor um processo? E, corolariamente, qual é a escala determinada pela construção de um compósito? O investigador é permanentemente obrigado a fazer escolhas, não apenas entre abordagens "micro" ou "macro" (o que reenvia frequentemente para posturas gerais ligadas aos processos estudados), mas também relativamente ao nível em que encontrará os dados pertinentes no interior de complexos comunicacionais.

– O quarto é o *grau de abstracção*, consoante o investigador se orienta para a construção e representações conceptuais, recorrendo a

objectos científicos pré-construídos, ou ao que Granger chama a "imaginação conceptual"⁷; ou, pelo contrário, para a descrição dos objectos, dos factos, ou das representações.

O ponto de vista comunicacional sobre os objectos

Haverá, portanto, entre os investigadores em ciências da informação e da comunicação, uma teoria implícita dos *objectos comunicacionais*. Quero com isto dizer que qualquer investigador, se deixar um pouco de lado os objectos científicos que são habitualmente os seus, e as normas ligadas ao quadro teórico que habitualmente utiliza, é capaz de dizer o que é uma investigação no domínio das ciências da informação e da comunicação – ou, pelo menos, o que não é. Essa teoria implícita é continuamente accionada nas instâncias científicas e disciplinares da comunidade – penso nos colóquios, no CNU⁸ ou ainda nas jornadas doutorais, quer dizer, de cada vez que ocorrem práticas, questões e trocas que o investigador habitualmente guarda para si.

Para resumir o que está na origem das hipóteses que ensaiei sustentar nas páginas precedentes, diria que é a intuição segundo a qual as ciências da informação e da comunicação nunca estudam a comunicação e a informação em si mesmas ou por si mesmas, quer dizer como seres abstractos (elas seriam então uma ideologia), mas sim quando elas são materializadas, institucionalizadas e operacionalizadas na sociedade. Não é apenas na representação da sociedade que os objectos são híbridos científicos (como objectos de investigação) e técnicos (como realidade existindo materialmente na sociedade). Há uma profunda convivência entre investigadores e senso comum à volta do postulado de que não existe comunicação (ou informação) *sem meio* e *sem suporte* – em suma: *sem técnica*. Pelas razões que vimos, o investigador tende evidentemente a distanciar-se

de, a romper com, essa pré-noção de comunicação. Eu apenas quis mostrar que, apesar de tudo, sendo os factos inflexíveis, a sua prática de investigador não apenas acaba por ter em conta essa dimensão, como se organiza em grande medida à volta dela e tira partido dela para propor uma abordagem original dos *factos* de comunicação. Não se trata de defender uma qualquer postura tecnicista, mas simplesmente de recusar ocultar a dimensão técnica. O que é que isto quer dizer?

Voltemos à proposição: a comunicação perspectivada pelas ciências da informação e da comunicação é fundamentalmente técnica, no sentido em que é o accionamento de saberes, de saberes-fazer técnicos, de conhecimentos científicos para produzir objectos. Por "objectos" é preciso entender aqui suportes, dispositivos, situações, regras e normas, mensagens, trocas – quer dizer processos comunicacionais objectivados. Alguns desses processos são verdadeiros "objectos", no sentido material do termo (um livro, o complexo técnico do telemóvel, emissões gravadas, etc.), outros devem ser "objectivados" pelo investigador (como por exemplo uma troca verbal ou as regras de um ritual). Mas todos são complexos. Por exemplo, um livro não é apenas um texto (excepto para as ciências da linguagem), mas um complexo feito de texto, de regras, de papel, de saber-fazer, etc. Inversamente, uma troca verbal ao telefone não é apenas informação ou uma mensagem, mas um híbrido de dispositivos técnicos que formam a interacção, rituais de interacção, de pessoas e de procedimentos conversacionais; quer dizer ao mesmo tempo objectos concretos e processos construídos pela análise. Além disso, tais complexos, descritos aqui na sua forma mais geral (forçosamente aproximada) singularizar-se-ão em função das situações, abrindo ao investigador a possibilidade de construir objectos de investigação *compósitos*.

É dessa forma que os diversos objectos construídos que as investigações sobre os factos comunicacionais nos propõem contribuem, cada um à sua maneira, para definir os processos de informação e de comunicação e constituem, assim, *de facto*, o domínio das ciências que eles estudam.

Referências bibliográficas

Referem-se as obras citadas e não as obras consultadas.

La Lettre d'Inforcom (2000), 58, hiver.

GRANGER, G.G. (2002) *Sciences et Réalité*, Paris, Odile Jacob.

LATOURET, B. (1993) *Aramis ou l'amour des techniques*, Paris La Découverte.

LE MAREC, J. & Babou, I. (2003) "De l'étude des usages à une théorie des composites: objets, relations et normes en bibliothèques", *in* Souchier, E; Jeanneret, Y.; & Le Marec, J. (dirs.), *Lire, écrire, récrire: Objets signes et pratiques des médias informatisés*, Paris, Bibliothèque publique d'information, Centre Georges Pompidou: 235-299.

OLLIVIER, B. (2000) *Observer la communication: naissance d'une interdiscipline*, Paris, CNRS Éditions.

OLLIVIER, B. (2001) "Enjeux d'interdiscipline", *L'Année Sociologique*, vol. 51, 2: 337-354.

SIMONDON, G. (1969) *Du mode d'existence des objets techniques*, Paris, Aubier.

NOTAS

¹ *Attache* no original, que significa também colchete, presilha, fivela – no texto sugere-se, justamente, "pregar" (N. do T.).

² O exemplo tipo é a recolha de experiências e o relato do vivido pelos actores sob a forma de pseudo-inquérito.

³ Pensemos na ambiguidade dos discursos sobre as "novas tecnologias": discursos de acompanhamento ou representações explicativas do real? O problema reside no processo de construção do objecto de investigação.

⁴ O problema do estatuto dado pela sociedade às ciências da informação e da comunicação de tecnologia reside na emergência de uma filosofia geral fundada sobre consideração da importância da dimensão técnica, mas que impede o processo de construção científica e se apresenta desde logo como uma disciplina, a saber: a mediologia.

⁵ Este confronto reenvia àquilo que Granger chama o "momento actual", por oposição à construção de representações virtuais (Granger, 2002: 249; sobre a relação entre virtual e actual nas ciências do homem, ver o capítulo IV). O presente artigo deve muito à obra de Gilles Gaston Granger, que expõe uma abordagem sintética dos três grandes tipos de ciências (ciências formais; ciências da natureza, *i.e.* empíricas não humanas; ciências do homem, *i.e.*, empíricas humanas). A sua abordagem epistemológica é provavelmente a que menos estabelece a hierarquia entre os diferentes tipos de ciências, tornando assim possível uma perspectivação das ciências da informação e da comunicação – incluindo em relação a ciências (que são também tecnologias) como a informática.

⁶ Por exemplo, Simondon (1969), Latour (1993). Para este último, penso evidentemente no estatuto dos objectos técnicos segundo uma concepção de híbridos entre humanos e não humanos. Pelo contrário, essa concepção parece-me afinal redundar numa espécie de apagamento da especificidade e da operatividade deste tipo de objecto, que, quanto a mim, caracterizam uma abordagem comunicacional do objecto (a que chamarei, mais tarde, a sua *agilidade técnico-semiótica*).

⁷ "A imaginação conceptual, partindo de conceitos, constrói variantes livres, submetidas porém a regras mais ou menos explícitas, reguladoras dessa criação." (Granger, 2002: 213).

⁸ Conselho Nacional das Universidades (N.T.).